



# *Medicina Intensiva*

Quatro intensivistas dos maiores hospitais de BH descrevem a rotina das UTIs e explicam como a luta pela vida é um desafio de todo dia para os profissionais da área

Os centros de terapia intensiva (CTIs) são um mundo dentro do mundo, que guardam milhares de histórias de vida – dos profissionais e dos pacientes. A imagem de uma caixa-preta, remetendo ao quase isolamento do doente de sua família, não é mais a regra geral nos hospitais. Os especialistas em medicina intensiva estimulam a participação dos familiares no tratamento e, em Belo Horizonte, algumas instituições abriram as portas das unidades para a presença de alguém da família em tempo integral.

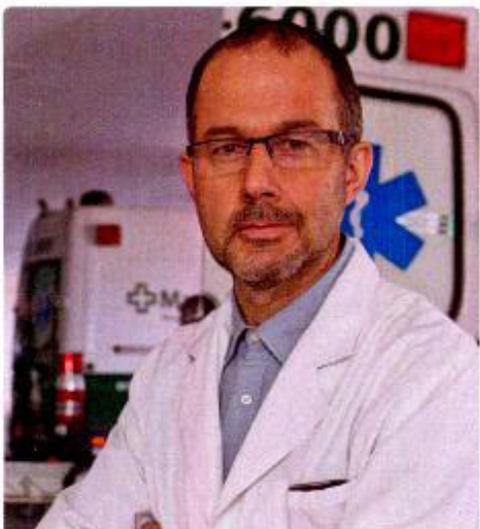
A rotina dos médicos que atuam em UTI (unidade de terapia intensiva) é intensa, exige decisões rápidas e equipes harmonizadas, como explica Anselmo Dornas Moura. Para o médico, é gratificante acompanhar a recuperação de uma pessoa em estado grave – “isso me motiva todo o tempo” diz. Os parâmetros entre o

restabelecimento total e situações-limite são desafiadores – “a medicina é também a administração de incertezas”, afirma José Carlos Versiani dos Anjos ao se referir aos casos, em média 10%, em que o trabalho do médico se volta para a dignidade do paciente na hora da morte.

Esses profissionais unem conhecimento e qualificação à humanização na relação com o doente e seus familiares, dosando apoio e serenidade. “O organismo humano não é uma ciência exata, e há coisas que não são mensuráveis. Isso nos tranquiliza e nos faz voltar no outro dia”, afirma Cláudio Dornas. Para Rogério de Castro Pereira, a UTI possibilita intervenções de sucesso e resultados rápidos, mas também enxergar as limitações da ciência: “O que nos faz desenvolver a humildade diante da vida – isso é um aprendizado diário”, diz Pereira.



Samuel Gó



**Anselmo Dornas Moura**

Coordenador da UTI do Mater Dei e médico do Samu

## MÉRITO DE TODOS

Anselmo Dornas foi o primeiro médico da família e desde criança “sonhava com a profissão”. Na Faculdade de Ciências Médicas, antes da residência, definiu que atuaria em urgência e hoje acumula as funções no hospital com o atendimento no Samu. “Sempre busquei esse desafio de tomar decisões críticas, mas não solitárias, já que trabalho com uma equipe preparada”, diz. Ele se dedica a uma rotina árdua, com pacientes muitas vezes no limite: “Mas é também gratificante acompanhar a recuperação de uma pessoa em estado grave, e isso me motiva todo o tempo”. Uma jornada de pelo menos 12 horas diárias no ambiente da UTI leva Dornas a buscar na família o equilíbrio e a serenidade.

### FICHA TÉCNICA

- 51 anos, 26 de profissão
- Belo Horizonte
- Faculdade de Ciências Médicas
- Em clínica médica
- Não
- Não

Leo Araújo



**Cláudio Dornas de Oliveira**

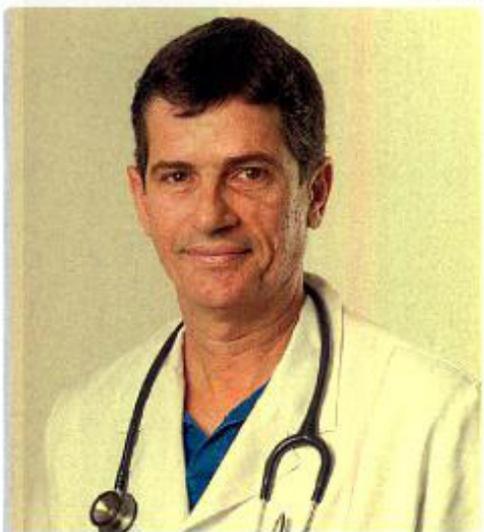
Coordenador do CTI Adulto da

## O CTI É SUA VIDA

A medicina está no sangue e no coração de Cláudio Dornas. Um tio e primos dele são médicos e sua mulher é pneumologista. Ele começou a trabalhar como intensivista na Santa Casa, em 2004, especialização que exigiu dois anos de residência, após fazer clínica e pneumologia: “Os avanços nos tratamentos, diagnósticos e seus impactos me levaram a essa opção”, conta. Hoje, o trabalho em equipe sustenta suas jornadas: “O coordenador não decide sozinho o tratamento do paciente”. Sua rotina é de pelo menos 12 horas de trabalho por dia: “Minha vida é o CTI”, diz. Isso inclui reuniões diárias com plantonistas e os subgerentes. “São eles que conversam com a família, falam sobre o paciente”, explica.

### FICHA TÉCNICA

- 45 anos, 20 de profissão
- Belo Horizonte
- UFMG
- Em pneumologia
- MBA pela FGV
- Congressos na Bélgica e na Itália



**José Carlos Fernandez  
Versiani dos Anjos**

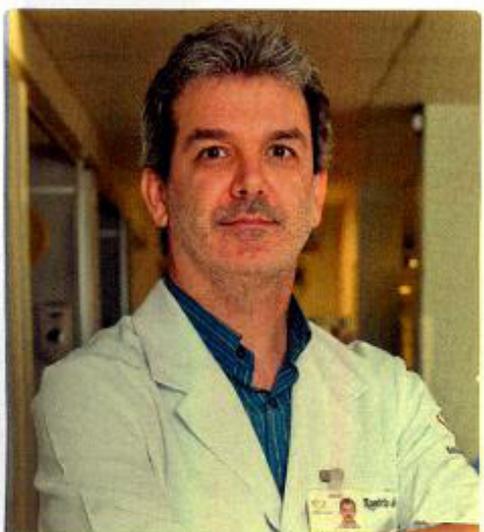
Coordenador da UTI 1 do  
Hospital Madre Teresa

## CONFORTO E DIGNIDADE

Há duas décadas, os CTIs eram uma espécie de caixa-preta, lembra José Carlos Versiani: “Hoje, a comunicação e o acesso da família ao paciente, a relação com os médicos e a própria internet mudaram isso”, explica ele, que enfrenta diariamente casos de alta complexidade como médico intensivista. Desde a faculdade, ele gosta de lidar com pacientes graves, mas alerta que é preciso uma blindagem para manter a serenidade, a dinâmica do trabalho e seu objetivo maior: salvar vidas. Além de lutar contra a morte, é importante ajudar a família nos momentos de incerteza. “Podemos dar conforto e dignidade no fim da vida, com interferências que reduzam o sofrimento físico, emocional e espiritual”, diz.

### FICHA TÉCNICA

-  50 anos,  
24 de profissão
-  Ouro Preto (MG)
-  UFMG
-  Em nutrologia
-  Não
-  Não



**Rogério de Castro  
Pereira**

Coordenador do CTI e da Residência  
Médica de Medicina Intensiva  
do Hospital Felício Rocho

## LIÇÕES DE VIDA

Poucas folgas, muita responsabilidade. A rotina de Rogério Pereira é de imprevistos, situações-limite, decisões difíceis e desgastantes: “Precisamos lidar com a própria fadiga, manter a harmonia de uma equipe multidisciplinar, entender o que significa qualidade de vida para cada um”. O trabalho do intensivista envolve, além da cura, sofrimento e lições de vida. Rogério Pereira já questionou a própria escolha, mas tem a convicção de que cumpriria novamente essa jornada: “Nessa área, conseguimos intervir e obter resultados relativamente rápidos, permite também enxergar nossas limitações, desenvolver a humildade diante da vida. Isso é um aprendizado diário”.

### FICHA TÉCNICA

-  48 anos,  
24 de profissão
-  Belo Horizonte
-  UFMG
-  Não
-  Não
-  Não